



Não há no Hemisfério Ocidental
uma história de sucesso econômico que se compare
à deste gigante sul-americano

«Ninguém Segura o Brasil»

SCOTT E KATHLEEN SEEGER

FAMOSO pelo seu café, florestas amazônicas, carnaval, futebol e inflação, o Brasil está espantando o mundo com um surto de desenvolvimento industrial que elevou a sua taxa de crescimento econômico mais acima da de qualquer outro país do mundo, incluindo o Japão. Desde 1964, quando foi derrubado o governo esquerdista de João Goulart, os brasileiros conseguiram tirar o país da beira do caos. Com trabalho árduo e engenho, domaram a inflação, restauraram a confiança nacional e deram início a um programa de obras públicas dimensionado para as proporções

gigantescas do país. Quando concluídas, a hidrelétrica de Urubupungá e a Transamazônica serão vistas da Lua. Os brasileiros agora moram melhor, são mais saudáveis, ganham mais e fazem mais cursos profissionais do que nunca.

O Brasil tem hoje mais de sete bilhões de dólares em reservas estrangeiras — o primeiro país latino-americano a atingir esta marca. O produto nacional bruto disparou para cerca de 50 bilhões de dólares, em 1971, 11,3 % a mais que no ano anterior; a renda per capita chegou a 370 dólares, recorde absoluto, e os salários industriais, no ano

passado, subiram mais que o custo de vida. Empréstimos e investimentos estrangeiros chovem sobre o país.

As dimensões e a diversidade do Brasil fazem estas conquistas ainda mais impressionantes. Todas as grandes cidades (menos São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília e Curitiba) estão situadas sobre o Atlântico, ao longo de algumas das praias mais lindas do mundo. Quase toda a população vive a menos de 150 quilômetros do mar. Por trás deles existem regiões de terras boas, más, lavouras, pastagens, florestas e semi-desertos, rumando para oeste, até serem engolidas pelos 5,5 milhões de quilômetros quadrados da Bacia Amazônica, domínio selvagem de um rio tão vasto que transatlânticos navegam-no ao longo de 2.000 milhas.

Menor apenas que a Rússia, a China, o Canadá e os Estados Unidos (incluídos Alasca e Havaí), o Brasil tem lugar para isso e muito mais. E, apesar das grandes distâncias e diferenças, das dificuldades de comunicação e falta de transporte, sinais de extraordinário progresso aparecem por toda a parte:

◆ Já em 1970, produtos manufaturados foram responsáveis por 17 % das exportações brasileiras, 12 % a mais que no ano anterior. Sapatos e camarão congelado foram vendidos nos Estados Unidos, aços e refrigeradores na Argentina, unidades de computador na Europa, escavadeiras no México, navios cargueiros na Venezuela, facas e tesouras na capital mundial dos aços

finos — Solingen, na Alemanha. Desde 1967, o Brasil praticamente duplicou a sua tonelagem marítima, atingindo 2,1 milhões de toneladas, mais ou menos o equivalente a todas as frotas mercantes latino-americanas juntas.

◆ Cresceu a produção em quase todas as indústrias básicas — inclusive petróleo, cimento, equipamento elétrico e sintéticos. Estão sendo investidos milhões na frota pesqueira, em fábricas de fertilizantes, complexos petroquímicos e industriais de alimentos. A produção de aço cresceu, e as perspectivas do setor são tão boas que o Banco Mundial, o Banco Interamericano e o Eximbank aprovaram empréstimos superiores a 400 milhões de dólares para expansão siderúrgica.

◆ Da maior importância, o progresso não está atingindo somente os ricos. Pela primeira vez, o trabalhador rural, tradicionalmente na base da pirâmide econômica, está sendo amparado pela legislação trabalhista. A classe média de origem operária cresce mais que todas as outras. Seus novos aparelhos de TV, rádios, refrigeradores e aspiradores são inteiramente produzidos no Brasil, e ela percorre as novas estradas em Volkswagens, Fords, Dodges, Chevrolets e jipes igualmente de indústria brasileira.

◆ Escolas estão sendo construídas mais do que nunca, com um orçamento de mais de cinco bilhões de dólares para ser aplicado, no triênio a encerrar-se em 1973, na construção de salas de aula.

Uma campanha nacional de alfabetização iniciada há poucos anos já ensinou a ler e a escrever mais de dois milhões de adultos, jovens e velhos. São tantos os alunos a competir hoje por vagas em universidades que os exames vestibulares são realizados em estádios de futebol, inclusive no gigantesco Maracanã, no Rio de Janeiro.

A quem acompanhou o Brasil no seu rumo para o desastre, durante o governo Goulart, a transformação parece milagre. Entretanto, embora a grande virada tenha ocorrido com a revolução de 1964, o milagre brasileiro teve realmente meia dúzia de diferentes pontos de partida, que se encadearam de maneira original. Um dos primeiros brotou no primitivo Nordeste, onde muitas famílias viviam — ou morriam de fome — com menos de 100 dólares por ano. Em 1959, num esforço para elevar esse padrão sub-humano de vida, o governo criou a SUDENE. Sua imaginosa legislação de «incentivos fiscais» transformou-se na chave de grande parte do progresso brasileiro: até 50 % do imposto de renda poderia ser deduzido para aplicação em projetos aprovados pela SUDENE.

Uma vez que o recolhimento do imposto de renda era uma piada, o programa de incentivos teria significado quase nada, não tivessem as autoridades feito realmente valer a legislação existente. Fiscais estranhamente ricos foram transferidos para o interior e, pela primeira vez na história brasileira, instituiu-se a pena

de prisão para a fraude fiscal.

De menos de um milhão de cruzeiros em 1964, o recolhimento do imposto de renda quadruplicou em 1968, e chegou a oito bilhões no ano passado. A SUDENE recebeu milhões de impostos e investimentos. Hoje, em sete cidades nordestinas, mais de 200 industriais proporcionam 150.000 empregos que não existiam antes.

Os negociantes brasileiros viviam afogados num mar de licenças, impostos, papéis de todo o tipo. Roberto Campos, ex-Ministro do Planejamento, consolidou mais de 200 desses regulamentos num simples imposto de circulação de mercadorias. A fim de restaurar as quase inexistentes reservas cambiais, as exportações foram liberadas de restrições e isentas de impostos. Para conter a inflação, salários e preços foram postos sob controle e restringidas as viagens ao exterior. Campos foi violentamente criticado, mas lançou as bases do progresso de hoje.

O Ministro Delfim Neto, da Fazenda, acrescentou um toque de gênio ao delicado problema da desvalorização da moeda. À medida em que o cruzeiro comprava cada vez menos — era preciso uma mala cheia para pagar uma conta de hotel — o valor de outras moedas disparava. Mais ou menos uma vez por ano, quando se aproximava uma nova desvalorização, todo o mundo começava a estocar dólares adquiridos no mercado negro, o crédito desaparecia e os negócios paralisavam.

Em vez de continuar com as

grandes quedas do cruzeiro, Delfim Neto criou a minidesvalorização, entre um e dois por cento, com a frequência que se fizesse necessária, geralmente a cada 30 ou 45 dias. Uma vez que ninguém mais tinha medo de ser apanhado com cruzeiros drasticamente desvalorizados, o ritmo dos negócios tornou-se mais suave e o mercado negro praticamente desapareceu. «Nós temos soluções brasileiras para problemas brasileiros», disse Delfim com simplicidade.

Campos e Delfim Neto são exemplos de um dos fatores fundamentais no renascimento brasileiro: toda uma geração de jovens, enérgicos e bem treinados profissionais, decididos a fazer do seu país a potência mundial que sua dimensão, população e riquezas justificam.

O governo está fazendo impressionante uso da sua nova prosperidade. Há seis anos, uma quarta parte dos mais de quatro milhões de habitantes do Rio de Janeiro vivia amontoadas em escabrosas favelas. Hoje, a população favelada do Rio é de 550 mil, e as autoridades esperam deitar abaixo a última favela em 1974. A demolição de favelas em todas as grandes cidades está sendo realizada tão rapidamente quanto novos conjuntos residenciais limpos e baratos são construídos para abrigar os ex-favelados.

Enquanto o café reinou, a agricultura era a filha bastarda da economia brasileira. Subsidiado pelo governo, com os cafeicultores recebendo o dobro do preço do mercado mundial, o café ocupava cen-

tenas de milhares de hectares de terra capaz de produzir comida e o café não vendido era empilhado nos armazéns do governo. O café ainda é o principal produto de exportação, mas o subsídio foi eliminado, e o valor total da colheita desde 1970 é menor que o do milho, arroz e algodão juntos.

Penetração e desenvolvimento do vasto interior brasileiro são os programas favoritos do governo Médici. Engenheiros militares construíram estradas através de selvas que jamais haviam visto uma roda.

De todos esses projetos, o mais impressionante, a Transamazônica, está com o seu programa adiantado. Quando aberta, por empresas particulares, a 7 de setembro, para celebrar o sesquicentenário da Independência do Brasil, os seus 5.000 quilômetros irão das praias do Atlântico à fronteira do Peru, atravessando rios gigantescos e regiões conhecidas apenas de índios primitivos.

Ao longo dos séculos, o Brasil andou numa gangorra, indo muitas vezes do chão ao céu. Ouro, açúcar, borracha e café, cada um por seu turno, produziram prosperidades fantásticas, que terminaram em quedas retumbantes, quando acabou o ouro ou quando se modificaram os mercados mundiais. O atual surto de progresso é diferente, não se baseando numa demanda extraordinária por um único produto, mas em racionalização, trabalho e planejamento a longo prazo, que podem muito bem fazer do Brasil uma potência econômica mundial.

"Entre Aspas"

O CAPITALISMO tem uma dívida, não reconhecida, para com o casamento: se as mulheres não gastassem mais do que os maridos ganham, todo o «sistema de incentivos» cairia por terra. — S. J. H.

APENAS alguns de nós aprendemos com os erros do próximo. O resto tem de ser o próximo. — C. T.

QUALQUER criança que tenha pai e mãe interessados nela e uma casa cheia de livros não é pobre. — S. L.

Você mesmo poderá diagnosticar se é paranóico com o seguinte teste: o resultado é positivo se nada do que acontece é culpa sua. — R. H.

JÁ VIVI neste mundo o tempo suficiente para saber que devo examinar cuidadosamente pela segunda vez os assuntos de que fiquei absolutamente seguro desde a primeira. — J. B.

O OBSOLETISMO planificado não é realmente uma descoberta nova. Deus já o aplicou nos homens. — R. O.

Você pode dar sem querer — mas não pode querer sem dar. — F. A. C.

ACAUTELE-SE contra aquele que o previne de que do mundo nada se leva. É bem possível que *ele* esteja querendo levar. — H. F. H.

«EU PRECISO de fazer alguma coisa» sempre resolve mais problemas do que «Algo precisa de ser feito». — B. P.

A NOVA geração não parece muito impressionada pelo colorido das florestas no outono, mas dá-se conta de que devia ser um grande acontecimento antigamente, antes da TV a cores. — B. V.

Você será feliz mais ou menos na mesma proporção em que é prestativo. — K. R.

A CORAGEM de arriscar a sua popularidade distingue um estadista de um político. — G. S.